

# Tratado Histórico, Catálogo dos Piores do Real Mosteiro da Costa (Guimarães) <sup>(1)</sup>

Presumido Autor, FRANCISCO XAVIER PEREIRA CAMELLO—1748

## PROLOGO AO LEITOR

Saye á luz o Tratado Historico, Catalogo dos Piores deste Real Mosteiro, que sendo fecundo progenitor de admiraveis sujeitos, nenhum lhe fes o obsequio que recebe deste filho o mais inutil entre os de menores esperanças. Muito se me difficultava esta impreza, por que no Livro dos termos das profiçoens faltavaõ muitos, que não professarão Noviços, e não via meyo por onde os descobrir. Quem me persuadio, e animou apôr maons á obra, tambem me mostrou o caminho, que podia seguir, examinando as assinaturas dos prazos antigos. Sem outra companhia, que a do meu desvelo, sem mais socorro, que o da paciencia propria entrey nesta fadiga, e posto que não cabe na exaggeração o trabalho, que me cauzou semelhante empenho, por fortuna, ou por favor, que não merecia do ceo, consegui aperfeçoar hua continuada serie; e supposto de alguns delles acharás pouca noticia, não me culpes; pois não foj por falta de diligencia minha.

Pelos annos do governo dos tais Prelados dou tãbem conta de alguns Monges desta caza, mais dignos de memoria, que falecerão no seu tempo, como tambem de alguns successos notaveis, que ainda que com grosseira penna escritos, se podem divertir, pois como diz Plinio lib. 5. epist. 8 «Historia quoquo modo scripta delecta». Se não gostares fecha o livro, que nem tu, nem euperdemos nada; se gostares, encommenda-me a Deos, que nisso não ganhas pouco, e eu interesse muito. Vale.

---

(1) Oferecido pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Isaiás Vieira de Castro, ilustre médico vimaranense, deu este Códice manuscrito entrada no Arquivo Municipal «Alfredo Pimenta», em Outubro de 1946. Este Códice (0,20 × 0,30), tem 123 folhas numeradas. Cota no Arquivo: N.º 2808-B-6-4-76.

## INDICE

## A

- Anno em que foi fundado este Mostr.<sup>o</sup>  
— fl. 1  
O P.<sup>o</sup> Fr. Antonio de Lisboa — 11  
Dom Antonio — 26 v.<sup>o</sup>  
O P.<sup>o</sup> Fr. Affonso de Coimbra — 41 e  
43 v.<sup>o</sup>  
O P. Fr. Ambrozio da Ilha — 44  
O P. Fr. Antonio d'Evora — 44  
O P. Fr. Amador d'Evora — 50 v.<sup>o</sup>  
O P. Fr. Antonio de Coimbra — 51  
O P. Fr. Andre de Sernanseilhe, ou  
de Gouvea — 57 v.<sup>o</sup> e 59  
O P. Fr. Andre de Monte môr — 58  
O P. Fr. Andre da Madre de Deos — 68  
O P. Fr. Antonio de Saldanha — 60  
Acclamação d'ElRey D. João IV — 61  
Azulejo da Igreja — 61 v.<sup>o</sup>  
Azulejo do Refeitório — 16 v.<sup>o</sup> e 100 v.<sup>o</sup>  
Azulejo do Dormitorio — 104 v.<sup>o</sup> e 110  
Alcatifas de papagayos — 104 v.<sup>o</sup>  
Alampeda da Capella môr, quem a  
fez — 64 v.<sup>o</sup>  
Alampedas dos Altares Colleteraes  
— 68  
Acrescentam.to da Capella môr — 71 v.<sup>o</sup>  
Academia de Guimarães — 81 v.<sup>o</sup>  
Absolvição na 1.<sup>a</sup> segunda feyra de  
Quaresma — 86 v.<sup>o</sup>  
O P. Fr. Antonio Machado — 69 e 81  
O P. Fr. Alexandre de Jezus — 71 v.<sup>o</sup>  
O P. Fr. Alexandre do Esp.<sup>o</sup> St.<sup>o</sup> — 88  
Azulejo da Capella do Cerco — 111

## B

- Dom Frey Bras de Barros — 6  
O P. Fr. Balthezar Machado — 51  
O P. Fr. Bernardo do Vao, q. he hum  
lugar junto a Val bem feito, assim  
chamado — 57  
O P. Fr. Balthezar de Guimarães — 52  
O P. Fr. Belchior Mattozo — 59 v.<sup>o</sup>  
Bispos em lugar da Ill.<sup>ma</sup> que tinham,

- e da Ex.<sup>ma</sup> que hoje tem, tiverão  
Ampliss.<sup>a</sup> — 59  
O P. Fr. Bernardo Pessoa — 64  
Breve p.<sup>a</sup> a nossa Religião ter Vigr.<sup>o</sup>  
G.<sup>al</sup> em Portug.<sup>l</sup> — 64  
Breve p.<sup>a</sup> se não aceitar Noviços — 76  
Breve p.<sup>a</sup> se não éprestar alfayas da  
Sanchristia — 82 v.<sup>o</sup>  
Breve q. quarta as propinas aos P.<sup>es</sup>  
Confirmadores e Vizitadores Gerais  
— 82 v.<sup>o</sup>  
Breve p.<sup>a</sup> se dizerem tres Missas no  
dia dos Df.<sup>tos</sup> — 115  
Breve p.<sup>a</sup> se tomarem q.<sup>tas</sup> Bullas de  
Df.<sup>tos</sup> quizerem — 115 v.<sup>o</sup>

## C

- Capella môr — 21  
Capella da Cerca — 29  
Cerca — 29  
Chafariz da Varanda — 20  
Chafariz do Claustro — 16  
Chafariz da horta — 29 v.<sup>o</sup>  
Conegos Regrantes de quem foi esta  
caza — 3 v.<sup>o</sup>  
Cauza porque vinhão varrer os de Cu-  
nha, e Ruylhe a Guimaraens — 106  
S.<sup>ta</sup> Clara de Guimarães sua fundação  
— 44 v.<sup>o</sup>  
Cassula p.<sup>a</sup> se expor o S.<sup>or</sup> Quinta f.<sup>a</sup>  
S.<sup>ta</sup> — 104 v.<sup>o</sup>  
Chuva de pedra — 112  
Falta de chuva neste Reyno — 44  
Concilio Trentino — 43  
O P. Fr. Cosme de Lisboa — 53 v.<sup>o</sup>  
O P. Fr. Cypriano de Guimarães — 56  
Cardeaes, chamaraõ-se Ill.<sup>mos</sup> — 59  
Ceriaes de prata — 59 v.<sup>o</sup>  
Cadeyras do Coro — 60  
O P. Fr. Cypriano de Souza — 61 v.<sup>o</sup>  
Caza da Granja de Monte Longo — 61 v.<sup>o</sup>  
Cazo, em q. confessa o demonio a  
grande guerra q. lhe fazem as mati-  
nas á meya noute — 104

Claustro — 16  
 Cortinados da Capella môr — 70 v.<sup>o</sup>  
 e 82  
 Carta q. escreveu o P. M.<sup>e</sup> Dr. Fr.  
 Joze Caet.<sup>o</sup> em nome da Univer-  
 sid.<sup>e</sup> de Coimbra á de Pariz — 77  
 Copo q. se achou no Altar môr, q.<sup>do</sup> se  
 acrescentou a Capella — 71 v.<sup>o</sup>  
 Capella môr de Barrozas — 82 v.<sup>o</sup> e 88  
 Curso de Filosofia — 83 e 88  
 Comemoração de Santa Marinha — 99  
 Comemoração de Santa Barbora — 84  
 Colocação do S.<sup>to</sup> Christo na Capella  
 da Preza — 99  
 O P. Fr. Chrispim da Conceição — 86 v.<sup>o</sup>  
 Conclusoens em verso — 89  
 Campainha do Dormitr.<sup>o</sup> — 111

## D

Dormitorio principal — 19 v.<sup>o</sup>, e 63  
 Infante D. Duarte — 24 v.<sup>o</sup>  
 O P. M.<sup>e</sup> D.<sup>or</sup> Fr. Diogo de Murça — 42  
 O P. Fr. Diogo de Barcellos — 60 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Domingos do Rozario — 65 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Diogo Brandão — 69 v.<sup>o</sup>  
 Desastre grande de hũa queda bem  
 succed.<sup>a</sup> — 84 v.<sup>o</sup>

## E

Entrega-se este Mostr.<sup>o</sup> á nossa Ordẽ — 7  
 Exterminios — 100  
 Esquife — 99 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Estevão de Coimbra — 53  
 Estante do Coro — 61 v.<sup>o</sup>  
 Erigio-se a Igreja Patriarchal — 75  
 Escadas da Preza — 111

## F

Fundação deste Mostr.<sup>o</sup> — 1  
 Fundação de Belem — 40 v.<sup>o</sup>  
 Fundação de Penha L.<sup>a</sup> — 42  
 Fundação da Pena — 41  
 Fundação da Berlenga — 11  
 Fundação de Val-bemfeito — 11  
 Fundação de S. Marcos — 41

Fundação do Conv.<sup>to</sup> S.<sup>ta</sup> Clara de  
 G.<sup>es</sup> — 44 v.<sup>o</sup>  
 Fundação do Conv.<sup>to</sup> de S.<sup>to</sup> An.<sup>to</sup> de  
 G.<sup>es</sup> — 63 v.<sup>o</sup>  
 Fundação do Conv.<sup>to</sup> de S. D.<sup>os</sup> de  
 G.<sup>es</sup> — 66  
 Fundação do Conv.<sup>to</sup> do Carmo de  
 G.<sup>es</sup> — 66 v.<sup>o</sup>  
 Fundação do Conv.<sup>to</sup> da M.<sup>e</sup> de Ds.  
 de G.<sup>es</sup> — 74  
 Fundação da Capella de N. S.<sup>ra</sup> da  
 Penha — 69 v.<sup>o</sup>  
 Fundação da Capella do S.<sup>to</sup> Chr.<sup>o</sup> da  
 Preza — 99  
 O P. Fr. Fran.<sup>co</sup> de Barcellos — 45  
 e 47 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Fran.<sup>co</sup> de Caminha — 56  
 Filippe Prudente dá perdão Geral a  
 todos os Religiozos Antonistas — 54  
 Sua morte — 53 v.<sup>o</sup>  
 Fr. Fran.<sup>co</sup> da Conceição — 64  
 Fr. Fran.<sup>co</sup> de Barcellos 2.<sup>o</sup> do nome  
 — 64 v.<sup>o</sup>  
 Fr. Fran.<sup>co</sup> de St.<sup>a</sup> Cathr.<sup>a</sup> — 84  
 Findou a correspondencia fraternal  
 com os P.<sup>es</sup> de Landim — 75  
 Fecharão-se as Igrejas na noute de  
 Quinta Feira Santa — 105  
 O P. Fr. Fran.<sup>co</sup> de S.<sup>to</sup> An.<sup>to</sup> — 108

## G

O P. Fr. Gaspar de Coimbra — 50 v.<sup>o</sup>  
 e 32  
 O P. Fr. Gaspar da Guarda — 55 v.<sup>o</sup>  
 Gregorio 14 — Papa — 54

## H

O P. M.<sup>e</sup> D.<sup>or</sup> Fr. Heytor Pinto — 48  
 O P. Fr. Heytor de Monforte — 53  
 Hospital d S. Damazo de G.<sup>es</sup> — 61  
 O Cardeal Rey D. Henrique — 52  
 Horta De Cima — 29 v.<sup>o</sup>  
 Horta de bayxo — 29 v.<sup>o</sup>  
 Henrique 8.<sup>o</sup> de Inglaterra — 41  
 O P. Fr. Henrique de Coimbra —  
 59 v.<sup>o</sup>

## I

O P. Fr. Innocencio d'Evora — 40  
 O P. Fr. Jorge d'Evora — 40 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Jorge de Santarem — 40 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Jeron.<sup>o</sup> d Lisboa — 43 v.<sup>o</sup>  
 Morte d'ElRei D. João 3.<sup>o</sup> — 44 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. João da Castanheira — 46 v.<sup>o</sup>,  
 47 v.<sup>o</sup>, 51 v.<sup>o</sup> e 53  
 O P. Fr. Jorge de Belem — 47  
 O P. Fr. Jachome de G.<sup>es</sup> — 55  
 Jubileu do anno S.<sup>to</sup> — 55 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Jeron.<sup>o</sup> da Cunha — 57 e 58  
 O P. Fr. João de Olivr.<sup>as</sup> — 57 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Ignacio de Semide — 58  
 O P. Fr. João de Chaves, Comendatr.<sup>o</sup>  
 — 4 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Juliaõ de Faria — 61 v.<sup>o</sup>  
 O P. M.<sup>e</sup> Fr. Jeronymo de Barcellos —  
 62 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Ignacio de Meyrelles — 65 e 63  
 O P. Fr. Jeronymo Carrilho — 63 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Jeronymo dos Anjos — 66  
 O P. Fr. Jeronymo de Villalva — 69 v.<sup>o</sup>  
 O P. M.<sup>e</sup> Fr. Jozé de S. Thomaz — 73  
 O P. Fr. Joze d St.<sup>o</sup> Ant.<sup>o</sup> — 82  
 O Sereniss.<sup>o</sup> Arcebispo Primaz D. Jozé  
 — 101 e 111 v.<sup>o</sup>  
 O P. M.<sup>e</sup> Dr. Fr. Ignacio Theot.<sup>o</sup> de  
 S. Jozé — 101 v.<sup>o</sup>  
 Jantar de dia de S.<sup>ta</sup> Marinha — 84 v.<sup>o</sup>  
 Igreja — 20  
 Instituição d'Academia Real — 76  
 Imagem da Senhora do Pilar — 84 v.<sup>o</sup>  
 De St.<sup>a</sup> Quiteria — 84 v.<sup>o</sup>  
 De St.<sup>o</sup> Antonio — 86  
 De S. Francisco — 100 v.<sup>o</sup>  
 De N. Sr.<sup>a</sup> do Porto — 86  
 Irmand.<sup>e</sup> com as Religiozas da M.<sup>e</sup> de  
 Ds. de G.<sup>es</sup> — 104 v.<sup>o</sup>  
 D. Jayme Duque de Bragança — 9  
 Imagem do Senhor Morto — 109  
 Igrejas anexas — 30  
 Indulgencias da Igr.<sup>a</sup> de Fafe — 33 v.<sup>o</sup>  
 ELREY D. João 3.<sup>o</sup> — 6, 24 e 42 v.<sup>o</sup>  
 ELREY D. João 5.<sup>o</sup> — 115 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Joze da Nativid.<sup>e</sup> — 115 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Joze de Castro — 115

## L

Letreiro da porta do Cap.<sup>o</sup> — 14  
 Letreiros da Igreja — 23  
 Letreiros do Claustro — 23 v.<sup>o</sup>  
 Letreiro de Traz da Igreja — 24  
 Letreiro no muro da horta — 24 v.<sup>o</sup>  
 Lago esferico — 29 v.<sup>o</sup>  
 Legados que tem esta caza — 36  
 Legado do Abb.<sup>e</sup> de S.<sup>ta</sup> Comba — 61  
 O P. Fr. Leonardo de Carv.<sup>o</sup> — 74 v.<sup>o</sup>  
 Livraria — 100  
 O melhor livro — 100 v.<sup>o</sup>  
 Letreiros das sobre portas dos Tranzi-  
 tos — 110 v.<sup>o</sup>

## M

S.<sup>ta</sup> Marinha — 2  
 A Rainha D. Mafalda — 1  
 D. Mendo 1.<sup>o</sup> Prior deste Mostr.<sup>o</sup> do  
 tempo dos Cruzios — 3 v.<sup>o</sup>  
 El Rey D. M.<sup>el</sup> — 40 v.<sup>o</sup>  
 El Rey D. João 3.<sup>o</sup> — 6, 24 e 42 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Marcos de Coimbra — 55  
 O P. Fr. M.<sup>el</sup> da S.<sup>ta</sup> Comba — 58 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Miguel de Souza — 62  
 Monge expulso — 62  
 Moinho alveiro — 59 v.<sup>o</sup>  
 Morte pronosticada em G.<sup>es</sup> — 62 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Manoel de Ascensão — 63 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Manuel do Calvr.<sup>o</sup> — 66 v.<sup>o</sup>  
 O P. Fr. Martinho Martinianno — 67  
 O P. Fr. Martinho Madeira — 68  
 O P. Fr. M.<sup>el</sup> Vallejo — 75  
 Morte subita do R.<sup>or</sup> da Universid.<sup>e</sup>  
 — 81  
 Mortes de m.<sup>ta</sup> idade — 107 e 112  
 Morte na Penha — 85  
 Monges nossos q. forão p.<sup>a</sup> Brachanes  
 — 101  
 Motus propios — 105 v.<sup>o</sup> e 115 v.<sup>o</sup>

## N

O P. M.<sup>e</sup> Fr. Nuno da Rocha — 83  
 Não vierão varrer a G.<sup>es</sup> os de Cunha,  
 e Ruillhe — 105

## O

- Oratorio de Nossa S.<sup>ra</sup> do Espinhr.<sup>o</sup>  
— 17 v.<sup>o</sup> e 68  
Orgão — 60  
Ornam.<sup>to</sup> de Damasco branco e encarnado — 65 v.<sup>o</sup>  
Obra do Claustro — 70  
Ornam.<sup>to</sup> de primavera branca d'ouro — 81 e 84  
Ornam.<sup>to</sup> de Damasco branco, a galoado de seda cor de ouro — 104  
Ornam.<sup>to</sup> de Damasco carmizim agaloado d'ouro — 104

## P

- Dom Payo Galvão — 3 v.<sup>o</sup>  
Porsão dos Conegos Regrantos expulsos — 8  
Posse do Mostr.<sup>o</sup> — 8 v.<sup>o</sup>  
O P. M.<sup>e</sup> Fr. Pedro d'Evora — 44 v.<sup>o</sup>  
Pombal — 29 v.<sup>o</sup>  
Prégar não podem nas nossas anexas Pregadores de fóra — 34  
Peste terrivel em Portugal — 48  
Pontifice Pio 3.<sup>o</sup> sua morte — 50 v.<sup>o</sup>  
Pronostico de hum Momo — 52 v.<sup>o</sup>  
O P. Fr. P.<sup>o</sup> de Magalhães — 63 v.<sup>o</sup>  
O P. Fr. P.<sup>o</sup> de S. Jer.<sup>o</sup> — 100  
O P. Fr. P.<sup>o</sup> de Mejão frio — 54 v.<sup>o</sup>  
Privilegios de 40 annos — 72  
Publicação de Pazes — 74  
Procissão de Corpus — 76 e 86  
Procissão de Enterro — 109  
Prezepio — 85 v.<sup>o</sup>  
Pastoral contra os frades — 101 v.<sup>o</sup>  
O P. Fr. Pedro de Burbuda — 26  
Prizão dos Conegos de Braga — 101

## Q

- Quadros da Capella môr — 21  
Quadros da Sanchristia — 22  
Quadro do Claustro — 16  
Quadro do Refeitorio — 16 v.<sup>o</sup>  
Quadro do Hospicio — 14  
Quadro das Escadas — 17  
Quadros da Sala — 18

- Quadros dos Tranzitos do Dormitorio — 108  
Santa Quiteria — 74  
Quinchozo — 81, e 87 v.<sup>o</sup>

## R

- Rendim.<sup>to</sup> das Igrejas, e fóros — 34 v.<sup>o</sup>  
Refeitorio — 13 v.<sup>o</sup>  
Reliquias — 20 v.<sup>o</sup>  
O P. Fr. Rodrigo de Estremoz — 43  
Reforma do Kalendarario — 32 v.<sup>o</sup>  
Retabulos da Igreja — 60  
Retrato do P. Fr. João de Chaves — 5  
Rayo que cahio nesta caza — 71  
Rancho da Carqueija — 76

## S

- Sanchristia — 14, e 21  
ElRey D. Sebastião — 51 v.<sup>o</sup>  
Sinos — 64 v.<sup>o</sup>, e 67 v.<sup>o</sup>  
Sujeitaram-se ao Ordinario as Freyras do Carmo — 105  
Sugeitarão-se ao Ordinario as Dominicanas — 112

## T

- Titulo de Prior G.<sup>al</sup> q.<sup>do</sup> principiou na nossa Congr.<sup>ção</sup> de Portugal — 67 v.<sup>o</sup>  
O P. Fr. Thomaz de Basto — 60  
O P. Fr. Thomaz d'Eça — 68 v.<sup>o</sup>  
O P. Fr. Theotonio de Noronha — 70 v.<sup>o</sup>

## V

- Via Sacra — 84, e 104  
Varanda — 20 e 66  
União da nossa Congr. á de Castella — 54 v.<sup>o</sup>  
Veo preto, em q. tempo o tomarão as Religiozas do Carmo de Guimarães — 84  
Villancicos q.<sup>do</sup> se deixarão de cantar — 105

## X

- O S.<sup>to</sup> Xavier — 44  
O Papa Xisto V.<sup>o</sup> — 54

**Fundação deste Real Mosteiro de S.<sup>ta</sup> Marinha da Costa**CAP.<sup>o</sup> I.<sup>o</sup>

Deve este Real Mosteiro da Costa a sua primeira origem, e fundação á Rainha D. Mafalda, filha de Amadeo III Conde de Saboya, Moriana e Piemöte, descendente dos Emperadores de Alemanha, e Duques de Saxonia, e da Condeça Guigonia, como muitos lhe chamão, ou tambem Mafalda, como diz o Academico D. Jozé Barboza no Catalogo que escreveo das Rainhas de Portugal, filha dos Condes de Albon em França. Foj prometido seu nascimento por S. Suplicio, a quem a Condeça sua May tomou por intercessor, sendo esteril, e sem esperança de filhos. Cazou no anno de 1146 com D. Affonso Henriques, primeiro Rey de Portugal, de cujo matrimonio teve a D. Sancho, que succedeo na Coroa, D. Urraca Rainha de Leão, D. Mafalda contratada para cazar com D. Affonso II Rey de Aragão, D. Thereza, a quem os estrangeiros chamão Mathilde, Condeça de Flandes, e de Borgonha, D. Henrique, D. João e D. Sancha mortos de pouca idade. Foi dotada a Rainha D. Mafalda de excelentes perfeições naturaes e de virtudes tambem excelentes. Resplendeceo com extremo no zelo do culto D.<sup>o</sup>, e na Caridade com os proximos. Entre outros edificios religiosos, e pios, que fundou como forão o Hospital e Igrejas de Canavezes, foi hum este Mosteiro em que anno ha variedade nos A.A., porque o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, P.<sup>o</sup> Soledade, e Jorge Cardozo, seguindo todos ao nosso Rm.<sup>o</sup> P. M. Frei Joze de Siguensa, dizem que foi no anno de 1139. D. Nicolao de St.<sup>a</sup> Maria, Conego Regrante de St.<sup>o</sup> Agostinho Chronista da sua Congregação dis que foi no de 1154, com cuja opinião pormais verdadeira nos conformamos julgando ao P. Siguensa mal informado como o mostra em outras noticias mais que dá de Portugal, pois cazando como dissemos, e affirmão varios Autores, a Rainha D. Mafalda no anno de 1146, não he crível que lá de França mandasse edificar o tal Mosteiro sette annos antes.

Fundado este Mosteiro no ditto anno de 1154, pouco distante da Antigua, Insigne, e Nobre Villa de Guimarães, quasi no fim da Costa (donde tomou o nome) ou Ladeira da Serra de Santa Catherina, em sitio algum tanto aspero mas sadio, fertil, e alegre, junto a huã das estradas comũas desta Villa para

Pombeiro, Amarante, e Traz os Montes, o dedicou a Rainha D. Mafalda á Gloriosa Virgem, e Martir Santa Marinha, natural da Augusta Braga, hua das quellas nove Irmans, filhas de Cayo Atilio, e de Calcia, a quem Santo Ouvidio 3.<sup>o</sup> arcebispo da mesma Cidade bautizou, e instruiu na fé, pela qual padeceo martirio em hum lugar duas legoas da Cidade de Orense, chamado Agoas Santas, por razão das tres fontes que ali arrebentarão de tres saltos que na terra deu a cabeça da glorioza Santa, quando lha cortarão em odio da fé a 18 de julho de 130. Gaspar Estaço nas antiguidades de Portugal, cap. 25, n.<sup>o</sup> 21, não quer que a invocação deste Mosteiro seja desta Santa, mas de outra Santa Marinha, ou Margarida Virgem e Martir de Antioquia de quem fas menção o Martirologio Romano a 20 de Julho. Porem a nós nos parece que o Orago deste Mosteiro he da nossa Santa Bracharensense de quem trata o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha na 2.<sup>a</sup> parte da Historia Eccl.<sup>a</sup> de Braga, cap. 28, e tambem o Bispo D. Fr. Prudencio de Sandoval nas Antiguidades de Tuy, fl. 37 e o Doutor Fr. Francisco Brandão, Chronista mor do Reino, na 5.<sup>a</sup> p. da Monarchia Lusitana, liv. 16, cap. 29, fl. 57.

Confirma esta opinião o P. D. Theotonio de Mello primeiro Prior triennial do Mosteiro de Refoyos de Lima, nas memorias que deixou manuscrittas da sua ordem, que indo a Orense a ver o Archivo da Sé Cathedral, entre as noticias que achou do Bispo D. Pedro Seguino, Conego de Santa Cruz, foi hua que dizia assi: sendo desta Cathedral o V. e Santo Bispo D. Pedro Seguino, Portugues, mandou-lhe a Rainha D. Mafalda de Portugal pedir hua reliquia de Santa Marinha, de Agoas Santas, para por no novo Mosteiro, que á honra desta Virgem, e Martir levantara em terra de Guimarães, por ser advogada das dores, e perigos, que passão as mulheres nos partos que esta boa Rainha teve por vezes muito trabalhosos, e vendo-se em hum as portas da morte fes votto á Gloriosa Virgem e Martir Santa Marinha, de lhe fundar hua Igreja e Mosteiro, e logo foi livre do perigo. O que sabido pelo Santo Bispo, mandou á devota Rainha, parte da cabeça da Santa Marinha por dous dos seus Conegos, que serão recibidos em Guimarães com hua procissão solemne, e a cabeça da Santa foi encastoada em outra cabeça de prata, e posta no novo Mosteiro no anno de 1156. Até qui a sobredita memoria, e acrescenta o Padre D. Theotonio de Mello que esta cabeça de Santa Marinha trazia a Rainha D. Mafalda consigo, deixando só

neste mosteiro hua sua reliquia piquena, e que por morte da Rainha (que foi em Coimbra no anno de 1157, aonde está sepultada com seu marido no Mosteiro de Santa Cruz e não em o d' Arouca como dizia a primeira folha do Livro dos termos das profissões deste Mosteiro, que já emendamos, equivocando-a com a Netta que tambem se chamou Mafalda e foi Rainha de Castella) se pos esta Santa cabeça no Mosteiro de S. Vicente de fóra onde Deos obra grandes maravilhas, por merecimentos desta Santa, nas mulheres que estão de parto, talvez pelo dezuzado, que houve no seu nascimento.

Muitos Autores tratão por apocrifa a historia destas nove Santas Irmans Bracharenses, como são os P.P. Godefredo Henschenio, e Daniel Papebrochio na sua grande obra: Acta Sanctorum, no dia 22 de Mayo, tendo por couzas dos falsos Dextros, e mais Chronicões, porem o Academico D. Antonio Caetano de Souza no 4.º Tomo do Agiologio Luzitano fas menção das dittas Santas, como de couza certa, e mostra que antes dos Dextros e Julianos já era recebida por certa a tal Historia em toda Hespanha, e o confirma com Marieta no Liv. 4.º cap. 14, Morales Livro 10, cap. 18, o antigo Breviario de Orense que reza das ditas Santas e D. Pedro Seguino, Bispo de Orense, que escreveu suas vidas, e viveo pelos annos de 1157.

Acabado este Mosteiro, o deo a Rainha D. Mafalda aos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, como diz Gaspar Estaço, acima citado, n.º 22, imitando no amor que tinha a esta Religião a ElRey seu marido, que tambem tinha fundado e dado aos mesmos Conegos os Mosteiros de Santa Cruz em Coimbra, e o de São Vicente de Fóra em Lisboa. Foi seu primeiro Prior o Padre D. Mendo, hum dos primeiros 72 Conegos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, varão douto, e de vida aprovada, que era Confessor da mesma Rainha.

Floreceo o Instituto dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, por muitos annos neste Mosteiro, e bastava para o engrandecer haver nelletomado o habito de Conego da mão do primeiro Prior, o Eminentissimo Cardeal D. Payo Galvão aonde viveo muitos annos com grande exemplo de virtude e religião. O Papa Innocencio III, que fora seu condiscipulo na Universidade de Pariz, o fes Cardeal no anno de 1206, do titulo de S. Lucia in septi solio. O Douto Padre Antonio de Macedo, da Companhia de Jezus, na sua Lusitana Insulata, pag. 83, o faz natural de

Entre Douro e Minho (1). Os Reys deste Reyno favorecerão sempre muito os Conegos deste Mosteiro, concedendo-lhes grandes privilegios, e porque as Justiças de Guimarães lhos querião quebrar em tempo d'ElRey D. Dinis, lhes mandou o mesmo Rey, por carta sua, feita do proprio punho em Braga a 8 de Junho de 1280, guardassem inteiramente aos Conegos deste Mosteiro seus privilegios, e foi tam celebre o dito Mosteiro, que fala delle o Direito Canonico no Cap. Cum non liuat de praescriptionibus. E o nosso famoso Historiador Manoel de Faria e Sousa lhe dá na sua Europ. tit. 3 p. 212 n.º 43, o appellido de Illustre — El Illustre Monasterio de la Costa.

Correrão os annos, e com elles se foi deminuindo, e apagando o antigo fervor dos Conegos, de maneira que chegou á ultima ruina, cauzando com o seu pouco recolhimento, e modestia continuo escandalo. Movido do Santo Zelo, que tinha o Duque D. Jayme, IV na conta dos Duques de Bragança, e II, e ultimo na dos de Guimarães, razão porque lhe pertencia o padroado, e apresentação deste Mosteiro, intentou primeiro reduzilos áquella vida perfeita em que tinham muitos annos antes florecido. A esse fim vagando o Priorado nomeou nelle ao Padre Mestre Frey João de Chaves, Religiozo exemplar da Ordem Serafica, e Lente de Theologia. Havia no ditto Mosteiro dous Priores hum que era apresentação do Padroeiro a quem chamavão Dom Prior Comendatario, este era clerigo ou Religioso de dentro ou fóra da Religião, o principal fim, e exercicio da sua Prelazia era mandar cobrar, e consumir nos seus gastos a metade e melhor parte das rendas do ditto Mosteiro, e ainda hoje no Cartorio delle Gaveta 9.ª n.º 3.º está em pergaminho e má letra o tombo das rendas, que pertenciam ao ditto Prior Comendatario.

Estes erão os frutos do seu governo sem delle tirarem outros os Mosteiros de que erão Prelados. Havia outro Prior, a que chamavão Prior Crasteiro, a quem pertencia o governo interior do Mosteiro, e este era Religioso do mesmo habito, feito á o que parece com os vottos dos seus companheiros. Não foy o

---

(1) A fl. 4 deste Codice lê-se, á margem, a seguinte nota: Dom M.<sup>el</sup> Cast.<sup>o</sup> no Catalogo dos Cardeaes Portugueses, e a Chronica dos Cruzios, dis ser de Guimarães, f.º de P.º Galvão, e de D. Maria Paes, e na Collegiada da D.ª Villa fora Arcediago.

P. Mestre Frey João de Chaves, Prior Comendatario, como os outros vivia com os Conegos dentro no Mosteiro, fazendo o que era possivel com o seu bom exemplo, e doutrina pelos tirar da vida totalmente alheya do estado que professavão, não podendo porem reduzilos a sua antiga, e Regular observancia, se apartou delles, deixando-os em a mesma relaxação em que os tinha achado.

Este Religioso foi Bispo de Vizeo, depois de ser D. Prior Comendatario deste Mosteiro, e ainda depois de obter aquella Prelazia, conservou este titulo, e lugar até morrer, lastimando-se sempre do pouco fruto, que tirara deste Mosteiro, no tempo que o governou seu zelo, e deligencia, e da muita obstinação dos animos daquelles Conegos pertinazes na largueza e dessolução de suas vidas.

Ainda ao presente se conserva neste Mosteiro na Cella de hum Monge, o Retrato deste insigne varão, em hum piqueno painel, só com o habito de São Francisco, de joelhos com as maons levantadas, diante de hua imagem de São Bertholomeu, com hua chave preza em o cordão, significando ou o seu appellido, ou o governo que teve deste Mosteiro.

Não ha noticia que esta pintura, ainda que antiga, ficasse do tempo dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, só o Padre Soledade, na sua 4.<sup>a</sup> p. n.º 483 fl. 261 da Chronica Serafica, o soppoẽ, mais provavel parece o contrario, porque aquelles animos escandalizados da Reforma, que lhes intentou fazer, nem pintado o desejarião ver, e muitomais vendo que o seu governo, e morte foi o antecedente de que se seguiu a necessaria consequencia da sua extinção. O mais certo he, que esta pintura fosse feita já no tempo dos Monges de São Jeronimo, por hum delles chamado Frey Carlos, insigne pintor como mostrão outras obras suas, que ha neste Mosteiro, com que se parece esta, e assim no-lo affirmou hum professor da Arte, e que os Padres lha mandarão fazer, e guardarão sempre como joya de muito valor para a estimação deste Mosteiro, que deveo tanto ao bom desejo, com que pretendeo metelo no caminho do Ceo.

Vagando o Priorado por morte deste Illustrissimo Bispo, o Duque D. Jaime, sem apresentar novo Prior Comendatario, fes hua supplica ao Pontifice Clemente VII, em que lhe pedia, que vista a relaxação, e escandalo em que vivião os dittos Conegos, e não lhe ser possivel reforma-los, nem dar o ditto Mosteiro a outros Conegos da mesma Ordem, por viverem comūmente neste

tempo em Portugal, igualmente esquecidos do seu estado, e sem aquelle fervor, que devião ter no serviço, culto, e honra de Deos, mandasse extinguir delle os tais Conegos, que erão já mui poucos em numero, e não fazião mais que consumir entre sy as rendas do ditto Mosteiro, e desse licença para se entregar á Ordem de São Jeronymo, ou outra qualquer reformada.

A mesma supplica, e ao mesmo tempo, fes ELREY D. João III, escrevendo a Sua Santidade, e recomendando este negocio a D. Martinho de Portugal seu Sobrinho, que estava por Embaxador em Roma. Florescia então a Religião de São Jeronymo, e erão os seus filhos os amores dos Principes, e os Benjamis das Magestades, servindo-se delles para reformarem a muitos, que o não estavão, e ao prezente por ordem, e deligencia domesmo Monarcha, se achava reformãdo o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra o Padre Frey Braz de Barros. Levado do affecto de patricio, deixaremos aqui um pouco correr a penna, dando delle hua breve noticia.

#### CAP.º II

#### Vida de D. Fr. Bras d' Barros I.º Bispo de Leiria

Com razão se pode gloriar a tam antiga, como nobre, leal, e augusta Cidade de Braga de haver procreado ao Illustrissimo D. Frey Bras de Barros, filho de Valentim de Barros, Morgado de Amoreira, que obrou militares proezas nas campanhas de Africa, e Castella, reynando os Serenissimos Reys D. Affonso V, D. João II, e D. Manuel I, e de D. Brites Pereyra, Primo do insigne João de Barros, e tio do Conego Gaspar Barreiros. O qual com resolução heroica trocou as delicias da caza paterna pelos rigores do claustro Religiozo, recebendo o hab.<sup>to</sup> de São Jeronymo em o Mosteiro de Penha Longa, onde professou a 30 de Setembro de 1516. Para viver mais retirado se prefilhou no Mosteiro da Pena a 15 de Agosto de 1525. Com o Padre Frey Diogo de Murça se doutorou na Universidade de Lovanha. Nomeou-o ELREY D. João III para Reformador dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, cuja ardua empreza comessou a 13 de Outubro de 1527, e a concluiu no anno de 1544. Por seu conselho fundou o mesmo Rey a Universidade de Coimbra. Tomou posse do Bispado a 28 de Julho de 1545 por Bulla de Paulo III passada a 22 de Maio do ditto anno. Depois de cinco

annos de exemplar governo, o renunciou, e se recolheu ao Mosteiro da Pena onde mandou fazer a sua sepultura, que visitava muitas vezes, até que chegou o tempo de ir para ella de morada, que foy a 31 de Março de 1559, a cujas exequias assistio o Cardeal D. Henrique, e a Comunidade de Penha Longa, que sem saber da sua morte, veyo nessa occazião em procissão de preces a pedir agoa para as sementeiras. Delle escrevem mais largamente Pedro de Maris, nos Dialogos fl. 361. Jorge Cardozo a 31 de Março, Anno Historico do Padre M.<sup>e</sup> Francisco de Santa Maria, no mesmo dia, fl. 407. D. Rodrigo da Cunha, Historia de Braga, 2. p. c. 78. fl. 337. Manoel de Faria, e Souza, Europ. t. 3. pag. 195. O Chantre de Evora Manoel Severim nos Discursos Politicos fl. 24. O Padre Alvaro Lobo, no Trat.<sup>o</sup> das Relig. c. 23. D. Frey Thome de Faria, nas Decadas que deixou ms. L. 9. C. 10, e L. 10 c. 3. João Vasco c. 21 da sua Hist. d'Hespanha. Elementos da Historia, L. 2 da Geografia, fl. 389. Frey Diogo de Jezu in 4.<sup>o</sup> cerculo Ord. S. Jer. E finalmente o Padré Siguensa na Chronica da Ordem, 3. p. L. 2, c. 42. fl. 451.

### CAP. III

#### Entrega-se este Mostr.<sup>o</sup> á nossa Ordem

Aos dous de Março de 1525, e 3.<sup>o</sup> do seu Pontificado, expedio o Papa Clemente VII hua Bulla, que principia: Ad hoc nos divina miseratio, cujo original se acha de letra legivel no nosso Cartorio, Gaveta 11, nomeando nella por Juizes Executores ao Bispo de Ceuta, ao D. Prior de Guimarães, e ao Prior da Collegiada de Orem, mandâdo-lhes, que ou todos, ou dous, ou hum só, sendo ouvidos primeiro os Conegos do ditto Mosteiro, examinassem as cauzas, que na supplica se allegavão, de que elle não tinha noticia juridica, e achando serẽ verdadeiras os extinguissem para sempre do Mosteiro, e introduzissem de novo nelle a Ordem de São Jeronymo, ou dos Conegos da Congregação de S. Jorge que havia em Alga, Ilha de Veneza, vulgarmente chamados neste Reyno Loyos, obrando neste particular, segundo o que lhe parecessem do mayor agrado de Deos, e do Duque de Bragança D. Jaime, e dava licença para que assinassem aos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, que actualmente existissem

professos deste Mosteiro, enquanto vissem, para o seu sustento, hã congrua porsão dos frutos do ditto Mosteiro, ou os mudassem a outros Mosteiros da ditto Ordem de Santo Agostinho.

Feitas as diligencias necessarias pello Juiz Executor, que foy Sebastião Lopes D. Prior de Guimarães, e ouvidas as partes, que confessarão ser verdade, o que contra elles se dizia, deu sentença em Villa Viçosa, nos Paços do Duque aos 23 de Novembro de 1527, que foi publicada em audiência, estando presentes o Padre Prior D. João de Braga, e o Padre Frey Jorge, Monge professo de Belem, com procuração da Ordem, em a qual sentença mandou se extinguissem os Conegos Regrantes do ditto Mosteiro, e se entregasse, e unisse in perpetuum o Mosteiro com todas suas rendas, e o mais que lhe pertencia á Ordem de São Jeronymo, e delle tomasse posse o Padre Provincial, que era o titulo que então tinham os Prelados Superiores desta Congregação.

Postas as couzas nestes termos, ajustarão entre sy o Padre Frey Jorge, e o Padre Frey João de Braga, que para o sustento dos tres Conegos, que actualmente existião, lhe daria enquanto vissem o Mosteiro da Costa (para o que obrigava todas as suasrendas) trinta, e quatro mil reys, repartidos entre elles, deste modo, doze mil reys a D. João de Braga, doze mil reys a D. João Affonso, e des mil reys a Frey Alvaro Fernandes. Tinha o ultimos nesta repartição menos quantia, porque não era sacerdote, e o erão os dous primeiros; attendia-se muito naquelles tempos a este estado, ainda que maos, e indignos os costumes dos que os tinham, não era como hoje tam desprezado, e pouco respeitado, ainda naquelles, cuja modestia, e compostura, não desmerece a estimação, que se lhe deve. Era a porsão de 34000 reys quantia suficiente naquella era, ainda que agora nos pareça muito limitada para o sustento annual de tres homens, que havião de ter caza, familia, e as mais couzas necessarias para o seu uzo, porque além de se estimar mais então hum vintem, que hum alqueire de trigo, achamos no Cartorio, Gaveta 9.<sup>a</sup> que no anno de 1647 rendeo o recibo comũm deste Mosteiro duzentos, quarenta mil, oitocentos, quarenta, e dous reys, rendendo agora comũmente hum conto de reys, pouco mais, ou menos, e os dizimos das nossas Igrejas renderão setecentos, quarenta, e oito mil, oitocentos, e quarenta reys, rendendo agora dous contos, duzentos, e vinte, e tres mil reys, sendo isto 118 annos depois deste ajuste,

que ainda fas mais ao nosso cazo, porque quanto mais para traz, quanto mais diminutas erão as rendas.

Passados dous mezes depois da Sentença, e ajuste, que temos referido, veyo a este Mosteiro o R.<sup>mo</sup> Padre Frey Antonio de Lisboa, Prelado Superior, que então era da nossa Ordem, tomar posse delle, o que fes pacificamente, com todos aquelles requisitos, e circumstancias de direito, aos 27 de Janeiro de 1528.

E certo que (attendendo ao que devemos ao Duque D. Jaime, e ao ditto Prelado) andamos pouco gratos, e menos obzequiosos, se não deramos neste lugar hũa breve noticia sua.

#### CAP. IV

### Vida do Duque D. Jayme

D. Jayme unico no nome, IV na conta dos Duques de Bragança, e II, e ultimo na dos de Guimaraens, Filho de D. Fernando II do nome, Duque III de Bragança, e I de Guimarães, e da Duqueza D. Izabel, irmã d'ElRei D. Manuel; sendo menino, por cauza da infausta morte de seu Pay fugio para Castella com seu Irmão D. Diniz, onde ambos forão recibidos, e tratados com singular estimação dos Reys Catholicos. Morto ElRey D. João II, chamados por ElRey D. Manoel voltarão a Portugal, e quando o mesmo Rey passou a Castella a ser jurado Princepe, successor daquelles Reynos, ficou D. Jayme jurado Princepe, e successor deste, no cazo que ElRey D. Manoel morresse sem successão.

Passou D. Jayme á Africa com poderosa mão, aonde Azamor se entregou á Coroa Portugueza com tanta fortaleza, e credito do braço portugûês, que sem dar o sangue das veas, se lhe abrião as portas da Cidade, e foi tal o medo da gente Mauritana, etal o pavor com que fugiram da praça, que ao sahir della hua noite morrerão mais de oitenta barbaros no aperto, e concurso da gente.

Tambem as cidades de Tite, e Almedina ficarão despovoadas somente com os assaltos do temor, o qual era tão grande entre os Mouros, que se o Duque seguisse a prospera fortuna, todo o Imperio de Marrocos ficaria nesta occazião dominado do poder Lusitano, mas o Duque, que não levava ordem d'ElRey D. Manoel para outras imprezas não quiz passar adiante, por não faltar á obediencia, e fé a seu Rey.

Em pago de tam bons serviços feitos á Igreja, o Papa Leão X lhe concedeo, que quinze Igrejas do seu Padroado se reduzissem em Comendas de sua apresentação, para os Fidalgos, que o servissem, e aos Duques seus successores com faculdade de privar dellas os que deixassem o seu serviço.

Edificou o Paço de Villa Viçozza, a caza de Câpo, e Tapada com tres legoas de muro em circuito, que poz em perfeição seu Netto o Duque D. João. Na Capella mor do Convento do Carmo em Lisboa mãdou levantar na forma em que se vê a Sepultura do Condestavel D. Nuno Alveres Pereyra.

Aos moradores da sua Villa de Barcellos livrou da injuriosa servidão de virem dous vereadores da mesma Villa em certas festividades do anno varrer a Praça, e Açougues da Villa de Guimarães, para o que fes tirar do termo da Villa de Barcellos as freguesias de Cunha, e Ruylhe, que se unirão ao termo de Guimarães com o encargo daquella servidão.

Não erão menos os exercicios da piedade Christam: Estando fóra de Villa Viçozza, onde ficara seu esmoler só com 600000 Reys para esmolos, sendo passados dous mezes lhe escreveu notando-o, de lhe não haver pedido Ordem para mais dinheiro. Em hũa occasião vindo da caça, ouviu gemer hum homem ao pé de hua arvore, e mandando-o buscar, lhe perguntou que tinha? E respondendo, que pobreza, tirou de hua bolça grande, que costumava trazer no cinto, a mão cheya de dinheiro, e lho lançou no chapeo, e preguntando-lhe se queria mais, e não lhe respondendo o pobre, lhe despejou a bolça. Vendo o Duque no pobre o mesmo silencio, pediu mais dinheiro ahum criado, que lho costumava levar quando hia ao Campo, e tantas vezes deitou no chapeo do pobre, até que este vendo a copa cheya disse: Senhor basta, não quero mais; e o Duque: louvado seja Deos, que vos fartey de dinheiro.

Teve tam claro conhecimento das mizerias, e vaidades do mundo, ainda no passo das suas mayores grandezas, que determinou deixar a Patria, a caza, mulher, e estados, por ir morrer nos lugares Santos de Jeruzalem, e com effeito partio de Portugal a este fim, dando conta delle por hua carta aElRey D. Manoel, o qual o mandou seguir com tam prompta deligencia, que achando-o ainda em Aragão, foj constringido a voltar para o Reyno. Foj Principe pio, devoto, e em tudo grande.

Cazou duas vezes, a primeira no de 1501, em idade de

21 annos com D. Leonor de Mendonça, filha de D. João de Gusmão, III Duque de Medina Sidonia, Conde de Niebla, e da Duqueza D. Izabel de Valasco, de quem teve a D. Theodozio I de nome, e V Duq. de Bragança, e a Infanta D. Izabel, que cazou com o Infante D. Duarte filho d'ElRey D. Manoel, e levou em dote a Villa, e Ducado de Guimarães, que por esta via se desmembrou da Caza de Bragança. Cazou segunda ves no de 1520, depois de passados erão oito annos da morte da primeira, com D. Joanna de Mēdonça, filha de D. Diogo de Mendōça, Alcaide Mor de Mourão, e de D. Brites Soares de quem teve quatro filhos, e quatro filhas, D. Jayme, que falleceo de pouca idade, D. Constantino de Bragança, que foy Camareiro mor d'ElRey D. João III, seu Embaixador extraordinario em França, e Vice Rey da India, D. Fulgencio de Bragança, D. Prior de Guimarães, D. Theodozio de Bragança, Arcebispo de Evora, D. Joanna de Mendoça, Marqueza d'Elche, por cazar com D. Bernardino de Cardenas III Marques d'Elche, D. Eugenia que cazou com D. Francisco de Mello, seu segundo primo, e II Marquez de Ferreyra, D. Maria, e D. Vincencia, Religiosas no Mosteiro das Chagas de Villa Viçozza. Morreu o Duque D. Jayme de cincoenta, e hum annos de idade, no de 1532 a 21 de Dezembro, tres, e onze mezes depois de nos ter metido de posse deste Mosteiro. Jaz em Villa Viçozza. Escrevem delle o Capitão Luis Marinho em suas Exclamações Politicas, Demião de Goes, na Vida d'ElRey D. Manoel, fl. 47. Padre Soledade no T.º 4.º da Chronica Serafica fl. 13, e 260. Fr. Jose Pereyra na Chronica do Carmo t. 1, p. 3, n.º 897. Elementos da Historia L. 2 da Geografia fl. 371. Jorge Cardozo a 7. de Mayo L. f. Anno Historico do Padre M.º Francisco de St.ª M.ª 3.ª p. fl. 74. Faria, Europ. Portug. T. 2. P. 4. c. 2.

## CAP.º V

## Vida do R.º P. Fr. An.º de Lisboa

O R.º Padre Frey Antonio Moniz da Silva, ou de Lisboa, de Guadalupe, e de Thomar, pois com todos estes appellidos se acha nomeado em diversas partes, sendo os dous primeiros herdados de seu nobilissimo Pay Bernardo Moniz da Silva, Comendador da Torre, e dos Casaes da Ordem de Christo, e seu Avo

Pedro Moniz da Silva, Mordomo Mor do Cardeal D. Henrique: o 3.º da Cidade em que nasceo: o 4.º do Mosteiro de Castella onde recebeu o habito, professou, e viveo grande parte da sua vida: e o 5.º do Real Convento de Thomar, que por espaço de vinte annos governou, como seu Prelado. A grande fama, que corria da sua prudencia, e virtude moveo a ElRey D. João III, Pay das Religiões para o chamar de Castella a Portugal, onde se perfilhou no Mosteiro, hoje já extincto, da Berlenga, Fundação da Rainha D. Maria 2.ª mulher de ElRey D. Manuel, anno de 1513, que depois se transplantou para Val bemfeito, fundação da Rainha D. Catherina, mulher d'ElRey D. João III, anno de 1548. Foy Provincial da nossa Congregação no tempo em que se nos deu este Mosteiro. Alcansou o mesmo Principe ordem da Sé Apostolica para que administrasse o Real Mosteiro de Alcobça enquanto o seu Comendatario, o Cardeal D. Henrique não tinha idade, e reformasse os Freyres da Ordem de Christo, que habitavão em Thomar. Nestas duas gravissimas imprezas se admirou a prudencia do juizo, e suavidade do genio, e a constancia do animo, com que vencidas grandes difficuldades reduzio os Monges Cistercienses ao seu primitivo rigor, e transferio os Freyres da Ordem de Christo de Seculares em Regulares, a cuja mudansa deu feliz principio em 24 de Junho de 1530, sendo seu Prior perpetuo, e Prelado Ordinario de Thomar, e Inquizidor do seu Territorio. Compos-lhe Constituições approvadas, e confirmadas á instancia d'ElRey D. Sebastião por Gregorio XIII, por hum Breve expedido em Roma a 11 de Dezembro de 1577, que começa: *ut sollicitus Pater Familias.*

Costumava quando sahia de caza levar muito acompanhamento, e authoridade, por razão da dignidade, e officios, que representava, e entrando no Convento se tratava como hum dos Religiozos mais particulares.

Passando a Madrid, por cauza de huns legados, que a Sereñissima Infanta D. Maria filha d'ElRey D. Manoel tinha deixado para sustentação dos pobres do celebre hospital que fundara junto ao Convento da Luz, da Ordem de Christo, morreu naquella Corte com sentimento (são palavras de Frey Miguel Pacheco, vida da Infanta D. Maria liv. 2, cap. 18) de quantos lo conocian por su persona, cuya religion, e nobleza no excluia la urbanidad decente a su profession que le hazia sumamente agradable. Naquelle ultimo ponto da vida onde a alma descobre as chagas,

que mais sente, disse. Ó quem houvera sido hum pobre frade cosinheiro da Ordem de São Jeronymo, e não houvera chegado a ser Reformador, nem ter tantas dignidades. Seu corpo foi levado aos hombros do Marquez de Castelo Rodrigo, D. Manoel de Moura Corte Real, Mordomo Mor de Fillipe II, e seu Conselheiro de Estado, e de outros grandes Cavalheros, e foi depositado no Mosteiro de São Martinho, dos Monges de São Bento de Madrid, donde foi tresladado para o Real Convêto de Thomar, e na sepultura tem gravado este epitafio. Esta sepultura he de Frey Antonio de Lisboa, Religioso da Ordem de São Jeronymo, Reformador deste Convento e D. Prior dele. F. aos 21 de Junho de 1551. Os Religiosos daquelle Convento o tem em muita reverencia, e lhe chamão, á boca cheya, Nosso Padre. Escrevem delle Frey Gabriel de Talavera na Historia de Guadalupe L. 2. c. 33, Pedro de Mariz dial. 9. fl. 361. Frey Thome de Faria nas decadas, que deixou do seu tempo L. 10. C. 3. Frey Jeronymo Roman na Chronica da Ordem Militar de Christo, cap. 19. Manoel de Faria e Souza. Europ. 3. p. pag. 195, n.º 48. Jorge Cardozo a 21 de Junho L. c. D. Rodrigo da Cunha 2. p. e finalmente o nosso P.º Siguensa na Chronica da Ordem 3. p. L. 1.º c. 30 e L. 2.º, c. 43.

## CAP. VI

### Descreve-se a Fabrica Antiga deste Mosteiro

Era a fabrica que este Mosteiro tinha antes que fosse da nossa Ordem, e muitos annos depois, muito mais piquena, e menos nobre, que a que hoje tem, de tal sorte que he muito pouco o que se conserva do edificio antigo, ainda que sempre no mesmo sitio. Tinha este Mosteiro a entrada, como ainda hoje tem, para parte do Poente, ou se entrava por hua estrada estreita ou por huas escadas de pedra, estava entre estes dous caminhos hum grande penedoe sobre elle hua cruz em que estava pegada hua imagem de Nossa Senhora da Piedade tudo de pedra, e fei-tio pouco polido. Logo se dava em hum largo no principio do qual para a parte direita estava a porta do Carro, com seu alpendre sobre dous pedrastaes, e mais acima hua fonte com cornijas, e colunas de pedra, e hua Aguia lançando a agoa pelos peitos, obra antiga e bem feita. Seguia-se a portaria principal, pela parte

de fora tinha também alpendre, sobre huas cornijas de pedra bem lavrada, e 4 colunas, a que servião de bases huns parapeitos das ilhargas por modo de acentos. Entrando por esta portaria se dava num Pateo, não muy grande, fechado por todas as partes. Nelle para o lado do Adro estava hua caza com duas Alcobas, e servia de Hospedaria, tinha hua janella de peitoril para a parte da Villa, e outra para dentro do Pateo, subia-se para ella por huas escadas de pedra, de dez, ou doze degraos, continuavão-se em direitura da Torre mais duas cazas da mesma altura, tinha cada hua sua janella de peitoril para dentro do Pateo, e a serventia era também por hua escada de pedra. Da parte da Villa havião duas cazas de menos altura cõ janellas para ella, a serventia era pela parte de dentro por hum vam, que estava debayxo da escada da Hospedaria: estas tinhão por baixo duas logeas. Na mesma correnteza estava hum arco de pedra de duas faces, com o vam forrado de castanho, por onde se sahia para outras partes, adiante se seguião duas cazas terreas, em que estava o Forno e a Maçaria. Tudo isto era couza limitada.

Da parte do Mosteiro estava hua porta aberta na Torre por onde se entrava, para o Claustro, era este o mesmo que agora vemos, quanto ao tamanho.

Logo no principio do segundo lanço, á mão direita, ficava hua porta, por onde se entrava para hum passadiço, que hia acabar jũto á cozinha, e mais adiante, outra porta, que he para onde se entra agora para a caza — De profundis — e era então a do Refeitório. Este tomava só o vam do que hoje he Hospicio, e Caza — De profundis, tirando o vam do passadisso, que era estreito, o qual tinha pör cima hua casa, onde se guardava o pão cozido, com escada, e porta para dentro do Refeitório, sobre a qual estava escrito aquillo do Cap. 29 do Eccles. «Initium vitae-hominis aqua et panis». Mais acima donde está hoje a ministra da caza — De profundis — estava a do Refeitório com este titulo, tirado do Cap. 4.º do Liv. 4 dos Reys: Mors in ola, e mais por cima outro do Cap. 20 de S. Matheos: «Filius hominis non venit ministrari, sed ministrare». Seguia-se da mesma parte hua meza, e depois hua porta por onde se entrava para o Pulpito donde se lia á meza, era este hua janella aberta na mesma parede, com seu nicho para fóra, e postigo para dar luz. Sobre esta se via escrito o que diz S. João Cap. 6 — Operamini non cibum, qui perit, sed qui, sed qui permanet in vitam aeternam. Ainda se conserva o

Quadro, que tinha, em que se vê pintada Nossa Senhora com o Menino Deos nos braços metendo a Santa Catharina no dedo o anel de Espozo, S. José com hum instrumento do seu officio, e N. Padre São Jeronymo de joelhos com a Regra nas mãos, que mostra ser mudansa, que fizeram os nossos Monges, de Santo Agostinho em Nosso Padre, porque na velhisse do Quadro se deixa ver ser do tempo dos Conegos, e na pintura, a diferenca que vaj desta aquellas, e para confirmação deste nosso parecer, nos affirmou o mesmo, hum professor da Arte.

Tinha este Refeitório quatro frestas, constava de sette mezas, lagiado, e azulejado, como ainda hoje se vê no hospicio. No mesmo claustro, adiante da ditta porta, estava o Lavatorio que he o mesmo que hoje se acha na caza — De profundis.

No principio do 3.º lanço estava a caza de Capitulo, e junto delle pela parte de dentro que cahe para o Cerco, o Carcere. Disto não existe mais que a entrada de pedra para o tal capitulo, com hum distico em cima, que dís:

Hanc fugit atque odit Demon seviss,<sup>us</sup> edé  
Nam spolia hic victus linquere parta solet.

À mão esquerda do 2.º lanço estavam, e estão ainda as portas por onde se entra para os Conficionarios, e a do Pulpito e a Travessa para a Igreja, e no principio do 3.º lanço, a da Sanchristia: Era esta piquena, porque de fóra della se achavão já as duas frestas, que hoje estão de dentro ainda abertas. Tinha hua só para a parte do Nascente. Aonde esta hoje o Amituario, estavam o Lavatorio, por onde se lhe deitava a agoa, serve hoje de pia de agoa benta. Ao entrar da porta á mão direita ficava hum armario, aonde se guardava a prata, e se punhão os Calices, e mais adiante o Amituario. Os cayxões corrião de Poente a Nascente nas costas da parede das escadas, tudo isto de madeira pintada. Guarnecia a parede sobre os cayxões hum retabolo em pao por pintar com tres quadros, dous que se achão no claustro, e outro, que por desfeito já com o tempo se não aproveitou. Era cintada de Azuleijo antigo como o da Igreja.

Havia no meyo deste lanço outra entrada para hua escada de pedra, de pouca largura, muito impinada, no mesmo lugar em que está a que hoje serve ao Mosteiro. No fim delle estava hum patim piqueno, a que chamavão o palratorio.

À mão esquerda tinha a entrada, e principio de hum Dormi-

torio, que corria de Nascente a Poente, com seis cellas só pela parte do Sul, e huma caza no fim a que chamavão da Rouparia, por nella se guardarem habitos, e outras couzas necessarias para o uzo dos Monges. No topo delle tinha huma fresta para o Norte, e da banda do Nascente hua caza pequena que servia de Barbaria. No meyo deste dormitorio estava huma porta com dous, ou tres degraos, por onde se subia para outro Dormitorio, que corria de sul a norte, tambem com seys cellas, só de hua parte, no fim do qual estava hua janella de peitoril, e principiava outro dormitorio de Nascente a Poente com tres ou quatro cellas só de hua parte, e no fim delle a caza da Livraria, e vinha acabar aonde hoje está a espalda da Capella mor, e ahi para o poente tinha tambem huma janella de peitoril. Estes são os Dormitorios desta parte, por bayxo do qual ficavão as Aulas, e no lado do primeiro para a parte do Sul, com porta para elle, as cazas dos Infantes, as quaes ainda depois de se demolirem estes Dormitorios, se conservarão até o anno de 1684, que por incuria de hum Monge se desfizerão.

À mão direita do Patim se entrava para o Claustro de cima, que era no mesmo lugar em que hoje está, e aberto com divizão de Colunas pequenas de pedra, acentadas em peitoril tambem de pedra, e solhado de tejollo, no fim do qual para a parte em que está a Torre dos sinos, que he a mesma que hoje existe, estava junto a entrada para outro Dormitorio, q. principiava da parte do Norte, e tinha quatro Cellas, das quaes a primeira era a Prioral, que tinha duas janellas pequenas. No fim deste estava hua janella a que hoje chamão da Villa, e dahi principiava outro Dormitorio, do poente para o Nascente, com seys cellas, que hoje existe, e serve de Noviciado, e em si está mostrando a limitação dos mais, e de toda a fabrica que então tinha este Mosteyro. Da Igreja não alcançamos noticia, da forma que tinha.

## CAP. VII

### Descreve-se a fabrica que tẽ hoje este Mosteyro

A entrada que este Mosteyro tem he por hua escada de meya laranja com huas estradas pelos lados, com devizões de cunhaes, e piramides, para cuja entrada se demolio hum grande penedo, que ahy existia, servindo de Calvario a hũa cruz de pedra, e desfeitas Portarias, e todas as cazas, que ao entrar da

principal havia, e o mais que acima fica ditto, se formou hũ espassozo Terreyro, do qual se sobe por outras escadas que ficão no meyo da direytura da Igreja, com serventia para todas as tres partes, e com cunhaes, e piramides em cima, que dão em outro Terreyro mais pequeno, que he o Adro, que tambem tem entradas de hũa, e outra parte com cunhaes, e piramides, e para a parte direita junto de hũa destas entradas está a Porta do Carro.

Deste segundo Terreyro se sobe para a porta principal da Igreja por huas fermozas escadas, q. correm para todas as tres partes, e rematão com hũ espassozo Pateo. Tem esta o frontespicio de limitada fabrica, ainda que diverso, e melhor do que teve no seu principio, conforme a tradição que ha. Á parte direita fica a Portaria principal, para qual se sobe tambem por huas escadas de muito menor altura, e sobre esta portaria fica hua galaria de dez janellas rasgadas, que duas são da caza da livraria, duas da Hospedaria, hũa comũa, que fica no fim do Dormitorio doNoviciado, duas de duas cellas, outra comũa, duas da Barbaria. No meyo de todas estas janellas estão abertas em pedra as armas de Nosso Padre. Para se fazer esta obra se derrubou o Dormitorio antigo, que estava neste lugar. A Torre dos sinos que ficava junto, no seu feitio, e forma, bem mostra ser a que se fez logo na primeira fundação.

Entrando pela Portaria se sobem huas escadas, que vem dar ao Claustro, que he o antigo, com a diferença só de ser circulado por cima de tres janellas rasgadas por cada lanço, com suas varandas de ferro, solhado de madeira, e forrado por cima, e por baixo de bom, e bem lavrado castanho. Está ornando de primorosos quadros em os quatro angulos, dous dos quais foram da Sanchristia velha, hum do Descendimento da Cruz, do Senhor, e outro em que estão pintados S. Martinho, S. Vicente, e S. Sebastião obra do nosso famoso Frey Carlos, feita no anno de 1534, como consta do Quadro do Descendimento; os outros dous, hum he de hua devota pintura de Christo crucificado no meyo de sua May Santissima, e o Evangelista São João, e o outro de Nossa Senhora em sua gloriosa Assumpção.

No meyo do Claustro está hum chafariz que dizem ser da fundação, ainda que o remate he já obra nossa, por ser hum Leão, tendo hum escudo pendente das garras, e nelle hum chapeo de Cardeal. Lança por quatro carrancas que tem em roda, abundante agoa em hua taça, que por outras quatro se despenha em

hum esferico tanque, e daqui se comũnica ao Lavatorio do Refeitorio, e cozinha.

No 2.º Lanço do Claustro á mão direita, se acha tapada, de pedra, e cal, a porta do Passadisso, q. ficava, e hia para a cozinha, e a que se segue, que era do Refeitorio, serve de porta da caza De Profundis, de frente da qual está o Lavatorio da parte de dentro, fazendo costas á cozinha e mais adiante hua porta por onde se sahe para fóra, para a parte o Hospício, que consta de tres mezas, a travessa, e duas dos lados, com duas frestas, e da parte direita o Refeitorio Novo, fazendo face á Villa, com quatro frestas, e oito mezas. No fim delle, de frente da Travessa está hum pulpito de pedra muito bem lavrado donde se lê á meza, a porta por onde se sobe para elle tem para dentro hua caza, que serve de guardar toalhas, guardanapos, etc. em correspondencia desta ha outro portal da outra parte do Pulpito, que serve de Armario e adiante logo no canto, a ministra para cozinha. Está muito bem forrado. Azulejado de Azulejo do melhor de Lisboa, e hum formozo Quadro, com bõas molduras axaroadas, e cantoneiras de talha douRADAS, com o passo da Magdalena, quando foi segunda ves a caza do Farizeo, em cujo banquete se achava seo Irmão Lazaro já resuscitado. He caza bastantemente larga, e comprida, com capacidade de receber em si o numero dos Monges, que tem este Mosteiro.

O Dormitorio acentão todos, que o não ha igual na altura, largueza, e comprimento em outro qualquer Mosteiro desta Provincia, e ainda em muitos fora della. Sobe-se do Claustro para elle por huas, e bem lançadas escadas de pedra, no meyo das quaes ha hum patim do qual se desse para outras escadas, que finalizão em hua porta para o Cerco, e voltando sobre a mão direita em o ditto Patim, subindo hum degrao, se dá em outro, e com os olhos em hum fermoziſſimo Quadro, todo de madeira, em que esta pintada a Rainha D. Mafalda, acentada debaixo de hum docel, com coroa aberta, como uzavão os Reys de Portugal naquelle tempo, e setro, e de hum lado pintada a forma do Mosteiro, e os seguintes disticos:

Hoc pia Coenobium aedificat Mafalda prioris  
 Alfonsi conjux: Lisia firma manet  
 Nam Christo adversos Alfonsus concutit ense  
 Sed Mafalda pia Relligione quatit

Deste patim principião para a parte direita, e esquerda outras escadas, e no fim dellas outros patins emque estão huas portas, por onde se entra em hua espassoza sala, que serve hoje de Capitolo, por se não ter até aqui cuidado em acabar o que fica por baixo deste. Tem esta sala da parte direita hua porta por onde se entra para hum dos dormitorios antigos, que unicamente existe, o qual ao prezente se acha forrado de novo, com mais desafogo, que o antigo. A 6.<sup>a</sup> cella delle, está reduzida a Carcere. Da parte esquerda desta Sala tem duas janellas rasgadas, que cahem para o Cerco. No meyo das duas portas da entrada está hum bom Oratorio de entalhado dourado, e nelle colocada hua fermoza, e devota Imagem de Nossa Senhora do Espinheiro, e nos lados encaixilhados no retabolo laminas de primozas pinturas em cobre, de varios Santos. Está toda esta Sala enobrecida com nove Quadros de Varões illustres da nossa Congregação, pinturas de corpo inteiro, e estatura natural, com caixilhos pretos xaruados, e cantoneiras douradas. Preside a todos o V. Padre Fr. Vasco, nosso fundador neste Reyno, com as mãos erguidas, olhando para hua Pomba, figura do Espirito Santo, com o titulo seguinte:

O V. P. Fr. Vasco Martins, natural de Leiria, fundador da nossa Congregação neste Reyno, discipulo em Itália do B. P. Fr. Thomas Senex, Originario de Belem, ao qual ouvindo dizer que lhe havia sido revelado, que o Espirito Santo vinha sobre Espanha, com a Restauração da Ordem de Nosso Padre São Jeronymo, guiado do mesmo Senhor veyo a Portugal fundar. Faleceo no anno de 1420, tendo de idade 120.

## DISTICO

Erigit oblitam Monachorum Relligionem  
Vascus in Hispanos, Spiritus iste venit.

D. Fr. Bras de Barros, natural de Braga. I Bispo de Leiria, por conselho do qual erigio Elrey D. João III o tal Bispado, e a Universidade de Coimbra. Reformador dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, e dos Religiozos da Santissima Trindade. Faleceo no anno de 1559 no nosso Mosteiro da Pena, depois de ter renunciado o Bispado.

## DISTICO

Omnibus in rebus primus, nullique secundus  
Hoc tantum genito Bracara prima foret.

O P.<sup>e</sup> M.<sup>e</sup> D.<sup>r</sup> Fr. Diogo de Murça 2.<sup>o</sup> R.<sup>or</sup> da Universidade de Coimbra, e unico Regular q. até o presente tem tido esta Honra. Reform.<sup>or</sup> dos Monges de S. B.<sup>to</sup>, e M.<sup>e</sup> dos Infantes, que se crearão neste Mosteiro, D. Duarte, que foi Arceb.<sup>o</sup> de Braga, f.<sup>o</sup> d'ElRey D. João 3.<sup>o</sup>, e D. Ant.<sup>o</sup> que foi aclamado Rey de Portugal, f.<sup>o</sup> do Inf.<sup>te</sup> D. Luis. Faleceo no anno de 1560.

## DISTICO

Hic Benedictinos mores instaurat, et in se  
Ipse bonos servans, plus benedictus erat.

O V. P.<sup>e</sup> Fr. An.<sup>to</sup> Monis da Silva, alias de Lx.<sup>a</sup> fundador da Ordem de Christo, seu D. P.<sup>or</sup> de Thomar, e Inquizidor do St.<sup>o</sup> Off.<sup>o</sup> em hum auto da fé, que se celebrou no Mosteiro da Luz de Lix.<sup>a</sup> Reformador dos Monges de S. Bern.<sup>o</sup>, e nosso P.<sup>al</sup> no tempo em que se nos deu este Mostr.<sup>o</sup> Faleceo no anno de 1551.

## DISTICO

Hic fuerat miles, duce nostro Hieronymo, at inde  
Militiae Christi Dux prior iste fuit.

O P.<sup>e</sup> M.<sup>e</sup> D.<sup>r</sup> Fr. Heytor Pinto bem conhecido pelos seus escritos Pr.<sup>o</sup> Lente de escritura da Universid.<sup>e</sup> de Coimbra, por amor de quem se erigio a tal Cadr.<sup>a</sup>, nomeado por ElRey D. Sebastião para reformar os Conegos Seculares do Evang.<sup>ta</sup> Faleceo em Castella no nosso Mostr.<sup>o</sup> da Sista de Toledo no anno de 1584.

## DISTICO

Scripturae Cathedram natam huic Collimbria vidit,  
Scripturis natum vidit et Orbis eum.

Sepultura do V. P.<sup>e</sup> Fr. Lourenço, Confessor da Rainha D. Leonor, m.<sup>er</sup> d'Elrey D. João 2.<sup>o</sup> tam devoto do misterio da Encarnação, que della nasceo hum Espinheyro que tinha as raizes em seu peito, e nas folhas escrito estas palavras — Rubū quem viderat Moyses.

## DISTICO

Vivus ab ore Rubum, post mortem à corde remittis:  
Cor, quod sic loquitur non perisse patet.

O V. P.<sup>e</sup> Fr. Cypriano de G.<sup>es</sup> Preg.<sup>or</sup> Apost.<sup>o</sup>, em quem as palavras erão semelhantes às obras. Conservou-se depois de

morto nesta forma apontando com o dedo no 1.º V. da 6.ª Defecit etc. Faleceo no anno de 1601, tendo de id.º 90.

## DISTICO

*Defecit recitans anima hic tibi deficit, oris  
Vocem anima extollit vox animamq. tulit.*

O V. P.º Fr. Valentim tam extremozam.ºe humilde, q. não querendo aceitar a dignid.º de P.ºal da nossa Congregação lhe deitarão grilhões aos pés, q. trouxe pelo Mostr.º 3 mezes.

## DISTICO

*Non regere, iste regi mavult; sed vincula sumit,  
ut Praesul tamquam subditus ipse regat.*

O P.º M.º Fr. José de S. Thomas, n.ºal de Braga, Lente Jubilado na S. Theologia. Qualificador do St.º Off.º, e G.ºal duas vezes da nossa Congregação. Faleceo no anno de 1714, tendo de id.º 63.

## DISTICO

*Ad Monachos venite propter Avuncule gratus  
Debet te in Monachis ponere jure Nepos*

J. F. X.

A cauza deste ultimo distico foi, ser o que mandou fazer esta obra á sua custa, Sobrinho do ditto Padre a quem devia o Santo Habito.

Defronte do Oratorio está hum arco de pedra, alto, e largo por onde se entra para o Dormitorio principal. He este solhado de madeira, com bom forro feito de tumba. Divide-se em tres lanços: no primeiro tem quatro cellas de cada parte de sufficiente tamanho, mayores as primeiras e hum, e outro lado, do esquerdo he a Prioral, e do direito servio muitos annos de livraria: no segundo tem cinco cellas de cada parte: e no terceiro outras cinco, ainda que reduzidas a quatro, por estarem as duas últimas unidas, entre si. Dividem estes tres lanços dous tranzitos com janellas rasgadas. Corre este Dormitorio de norte a sul, e finaliza em hua delicioza varanda, cuberta, no meyo da qual se vê hum Chafariz com hua piramide por remate, deitando agoa por quatro bicas em quatro taças, e destas por outras quatro bicas em hum tanque quadrangular. Está a ditta varanda cintada de Azulejo do melhor de Lisboa, como tambem o dormitorio, sala, e escadas.

## CAP. VIII

**Descreve-se a Igreja**

He a Igreja deste Mosteiro feita ao moderno, e ao parecer à fundamentis já no tempo dos nossos Monges, razão porque duvidamos logre o privilegio de Sagrada, que gozava a velha, tendo-o sido por D. João I, Arcebispo de Braga (Conego Regular de St.º Agostinho, e hum daquelles doze varões Apostolicos, que derão principio á mui Religioza Congregação de Santa Cruz de Coimbra) na era de Cezar de 1196, que he o anno de Christo de 1158, a 17 das Kalendas de Agosto, em hua quinta feira, como consta do Instrumento das Reliquias, que está no nosso Cartorio, Gaveta 11.ª n.º 18. He de hua nave: antes do Cruzeiro tem hum arco de pedra para o arco do Evangelho, e dentro d'elle com bastante vão o Altar de Santa Marinha, que he o da Freguezia, e no mesmo vão para diãte mais, o do Santo Christo, que já fica de dentro do Cruzeiro, e no principio d'elle tem tambem a serventia. He devidido este do Corpo da Igreja com grades de pao preto bronzeadas, as quaes tem tambem a Capella de Santa Marinha, e o Pulpito que fica da parte da Epistola. Dentro do Cruzeiro á face d'elle estão dous Altares Colleteraes, da parte da Epistola, de Santa Anna, do Evangelho de Santo Antonio, que não ha muitos annos foi do N. P.º neste estavam reliquias de varios Santos nos peitos de Imagens suas de meyo corpo perfeitamente fabricadas, como ainda hoje vemos e tambem em braços, e no mesmo retabulo embotidas, naquelle reliquias de Santas, na mesma forma que em estoutro. A devoção sacrilega nos tem roubado tam preciozo thezouro, e nem a da Santa Marinha teria escapado, se vendo que lhe não valia a imunidade da Igreja se não refugiara a fechar se debaixo de chave em hum armario da sanchristia, aonde tem livrado de tam sacrilegas mãos.

A Capella môr tem hum arco com todo o primor obrado, tres frestas de cada parte, porta para a sanchristia do lado da Epistola, e do Evangelho outra em falso por correspondencia. He toda de abobeda de pedra apainelada, m.º digna de reparo pela sua boa architectura, com as armas da Ordem no meyo. Tem hum fermozo retabulo de talha dourado acentado em banquetta de pedra bem lavrada, com Nosso Padre, de Penitente,

em hum nicho da parte do Evangelho, e Santa Paula, da Epistola, e no meyo, Nossa Senhora do Pilar. Entre fresta, e fresta está guarnecida de quadros de passos da vida de nosso Padre encayxilhados em talha primorozamente lavrada, e dourada; em hum se vê pintada, na forma que pode ser, a Tentação de ler a Cicero; em outro os assoutes com que foj castigado; em outro, tirando o espinho da mão ao Leão, e nooutro o seu tranzito.

Tem muito boas Credencias douradas, cadeyras nos presbiterios, e Anjos de forma agigâtada com tochas. He toda azulejada assim como tambem a Igreja, de azulejo antigo do melhor daquele tempo. O orgão he dos bons, que antes da fabrica das trombetas se uzava, com cayxa pintada, e dourada, fingindo pao preto, e bronzes. Das grades do Coro, e estante o são na realidade. Tem cadeyras de Nogueira com espaldares bem intalhados.

A Sanchristia he das milhores, assim na grandeza, como no ornato, ainda que tirou á Capella môr a claridade (mayor excellencia que gozava) por lhe ficarem de dentro as frestas, que para esta parte tinha: cuidarão enganozamente os Architetos, que as muitas que abrião na sanchristia, lhe comunicassem luz pelas mesmas por onde lha impedião. Tem a porta, que vem do Claustro, no meyo de dous lavatorios pintados, e dourados, e sobre ella hum oculo, por donde do Claustro de cima se ouve missa em hum altar que fica defronte. Está neste colocada a Imagem de Nossa Senhora da Piedade, em hum retabolo bem entalhado, e dourado. Adiante da Porta que vai para a Capella Mor está o Amituário de pao preto bronzeado e defronte, em correspondencia, o Armario de guardar a prata; dahi para diante, de hũa, e outra parte estão os baixões de pao preto bronzeados com espaldares de talha dourada. e paineis da vida de Nosso Padre.

O 1.º consta do seu Nascimento, com este

DISTICO

Dat puerum natura, virum dat gratia parvus  
Nunc infans, fiet Maximus orbe loquens.

O 2.º da sua jornada para os Estudos.

DISTICO

Pro Sophia juvenis praeclare relinque parentes;  
Nam mater Sophia est, et Deus ipse pater.

**O 3.º argumentando ja em hũa Aula.**

DISTICO

Ingenium videt aula tuum, quando arguis, omnes  
Ediscens, dicens ingeniosa, doces.

**O 4.º deixando sua caza, e fingindo para o Dezerto.**

DISTICO

Matris amore, Patris Lachrimis non flecteris? Alter,  
Quo deserta petas, pectore regnat amor.

**O 5.º, no dezerto batendo com hua pedra nos peitos, afugentando as Tentações das representações das Matronas Romanas.**

DISTICO

Os precibus lacrymis oculos, et pectora duro  
Saxo aperi, ut valeas claudere deliciis.

**O 6.º, feito Secretario de São Damazo.**

DISTICO

Magnus tu Damaso, Damasus te mayor; uterque  
Maximus; ast regimen dirigis, ille tenet.

**O 7.º, lavando os pés em Belem aos Perigrinos.**

DISTICO

Caelestem instituis Bethlem vitae rationem  
Exemplo Monachos Christus utipse, doces.

**O 8.º, explicando as escrituras às Religiozas do seu Instituto.**

DISTICO

Cor sacra verba repsent flamis, tua lumina mentem  
Sicque tuo eloquio, luxque, calorque nitent.

O tecto he lizo, com as quatro virtudes cardeaes pintadas nos quatro cantos, e no meyo as armas da Ordẽ em hum fermoso tarjão de talha dourado.

Tem bastante prata para ornato da Igreja, tres lampadarios, bons castiças, e calices, principalmente o que serve nas Primas claces, Turibulos, hum delles antigo todo dourado, e de extre-

mado pezo, cauza porque poucas vezes se uza d'elle, Custodia de bello feytio, Cofre em que se guarda o Santissimo no Sacrario, todo de Madre perola, duas cruces, hua dellas de singular lavor, mais hua pequena em que está a Reliquia do Santo Lenho, com que se fazem alguas procissões, hum vazo de dar a comunhão na Semana Santa, que tem este titulo na circumferencia do pé — Rex Sancius, e Regina Dulcia offerunt calicem istum S. M. dac. em 1225. Sacra, Missal, Estante, Galhetas, Gomil com seu prato, Caldeira, e Salva.

Ha mais na Sanchristia ricos ornamentos de tellas, borcados, veludos, e Damascos e vistoras alcatifas, tudo o que se pode dezejar para a perfeição, e ornato do culto Devino.

## CAP. IX

### Dos letreiros, que se achão na Igr.<sup>a</sup>

No pavimento do Altar de Santa Marinha está hua pedra do tamanho de hum covado em que está aberto este letreiro:

Ossos que se acharão neste lugar de bayxo do arco velho a 3 de Setembro de 1632. Não se sabe de quem são.

No meyo do corpo da Igreja pertó das grades do cruzeiro está hua sepultura com hua pedra inteira, e nella abertas as armas, que a Nobiliarchia Portugueza assigna aos Almadas, só tem mais do canto da parte direita hum escudo com ametade de hua flor de lirio de Ouro, e ametade de hua roza vermelha, em campo devidido em duas partes, e em duas cores, em hua parte verde, em outra de prata.

Debayxo destas tem aberto o letreiro seguinte:

De C.<sup>a</sup> Alvres de Almada  
M. do L.<sup>do</sup> Xpovão da Costa, e  
de seu Filho Ignacio de Almada  
ministradores da Capella de P.<sup>o</sup> Alvres  
de Almada. A. 1567.

He da caza d'Azenha desta freguezia. A Capella de que (o Letreiro diz) são administradores está no Convento de São Francisco de Guimarães, e he a que chamão de Jezus. O escudo, q. estas armas acrescentão ás dos Almadas he das armas de Henrique VII Rey de Inglaterra, que o deu pellos annos de 1501 a

Pedro Alvres de Almada por serviços do seu grande valor e exercicio militar contra os Mouros, para elle, e para todos seus parentes assim por sanguinidade, como por afinidade poderẽ uzar dellas emqualquer parte que quizerem.

No lanço do Claustro da porta travessa da Igreja em huas pedras metidas na parede estão estes:

Era 1303 idibus octobris obit  
Marina Gonçalvi uxor Martini  
Palombi, cujus anima requiescat in pace Amen.

2.º

Era 1311, 12 Februarii obit F. M. 15DI  
Jobes Gomeci Mercator Vimaransensis  
cujus anima in pace requiescat.

No lanço do Refeitorio, ou caza De profundis estão outros dous da mesma forma:

1.º

Era 1312, 7.º idus Februarii obit Domnus  
Petrus Nuni olim Prior Sancti Torcati, cujus  
anima requiescat in pace.

2.º

Era 1314, 7.º idus Februarii obit Joaães  
Peccori Diocesis de Sango, cujus anima  
in pace requiescat Amen.

Não ha nesta materia outra noticia mais, que a que dão estas pedras.

Nas costas da Tribuna está aberto em outra pedra o letreiro seguinte.

Neste lugar por ordem d'Elrey D. João o 3.º, e já no tempo em que este Mosteiro era dos Religiozos de S. Jer.º houve hum Coll.º em o qual se estudavão humanidad.<sup>es</sup>, Filozofia, e Theologia. Delle foj R.<sup>or</sup> o P.<sup>e</sup> Fr. Diogo de Murça, antes de o ser da Universid.<sup>e</sup> de Coimbra, e nelle se congregarão os M.<sup>es</sup> estrangeiros, q. vieram para a dt.<sup>a</sup> Universid.<sup>e</sup>.

Aquí estudarão, assistirão, e se criarão os S.<sup>res</sup> Infantes D. Duarte f.º bastardo d'ElRey D. João o 3.º, e D. An.<sup>to</sup> f.º do Infante D. Luis, e neto d'ElRey D. M.<sup>el</sup>. Ha no Cartorio deste Mostr.º hum privilegio conced.º e assign.º por ElRey D. João

o 3.º p.ª q. o P.º deste Mostr.º, q. juntam.º era R.º e Cancelario, e os seus Lentes dessem graos de Licenciados, Bachareis, e M.ºs em Artes, e os graduados tivessem as mesmas izenções, q. gozão os da Universid.º de Coimbra.

Este Alvará foj passado a 7 de Junho de 1541, e se acha no Cartorio deste Mosteiro Gaveta 11, n.º 25. Os Mestres estrangeiros, que aqui se congregarão forão Ignacio de Moraes, Henrique Cayado, Marcos Romeiro, e Pedro Margalho.

Defronte deste letreiro acima se vê outro em outra pedra embotida no muro da Horta, que diz assim :

Aqui esteve a Caza dos Infantes.

E se deste Princepes até as pedras contra seu natural falão, razão he que em dar mais alguas noticias suas, a penna naturalmente voc.

## CAP.º X

### Vida do Infante D. Duarte

D. Duarte vulgarmente chamado delicias da Corte de Portugal, filho illigitimo d'ElRey D. João III, que o teve sendo Principe de D. Izabel Moniz, filha do Alcayde de Lisboa F. Carranca, Moça da Camera da Rainha D. Leonor 3.ª mulher d'ElRey D. Manuel, nasceo em Lisboa no anno de 1521. Aprendeo os primeiros rudimentos neste Mosteiro da Costa, tendo por Director da sua puericia ao Padre Frey Diogo de Murça, e por Lente de Filosofia ao Padre Frey Jorge de Belem, dos quaes trataremos no seu proprio lugar, por terem sido ambos Piores deste Mosteiro. Com a disciplina de tão doutos Varões sahio hum compendio de perfeições. Soube tambem os preceitos da Musica, e tocava os instrumentos com igual suavidade, que destreza. Foi insigne na Arte da Cavallaria. Todos estes dotes se illustravão com hum genio suave, e condição affavel, com que conciliava os animos. Em quanto esteve neste Mosteiro nunca sahio a Guimarães, nem a outra parte algũa, nem ainda a ver sua May (dezejando-o elle muito) que estava recolhida no Mosteiro de Santa Clara do Porto, mas não pode alcançar licença para isso, nem teve modo para ir escondido, como intentou por vezes. Mandou-lhe hum retrato seu, feito da mão do nosso Frey Carlos, de quem já temos dado noticia.

Ao tempo, que já o Infante D. Duarte possuía o Priorado de Santa Cruz de Coimbra, e as Abbadias de S. Miguel de Refoyos, S. Martinho de Caramos, e S. João de Longavares, o nomeou seu Pay, Arcebispo de Braga, e o chamou a Lisboa para lá dizer a primeira missa, e receber a sagração.

Partio deste Mosteiro em 12 de Agosto de 1543, e querendo fazer caminho por Braga para dar mostras de si aos que tam alegres estavam de o terem por Pastor, esperando recuperar nelle outro Cardeal D. Henrique tio seu, de quem tinham grandes saudades, e sabião se lhe parecia muito, fes sua entrada pela porta, que chamão do Souto, e foj couza notavel que ao entrar lhe disse huma velha, com as lágrimas nos olhos: E vós filho entraes pela porta por onde não costumão entrar os Arcebispos, pois lograreis o Arcebispado pouco tempo. Dezia-o, porque ordinario era entrarem os Arcebispos a primeira vez pela porta, ou Nova, ou de Maximinos. Logo que chegou á Corte foj recebido por seu Pay com grande jubilo, que brevemente se transformou em profundo sentimento, cauzado da sua morte a 11 de Novembro de 1543, quando tinha 22 annos incompletos. Esta intempestiva fatalidade não somente penetrou o coração das pessoas Reays, mas de toda a Corte. Foj sepultado no nosso Mosteiro de Belã em hua sepultura pouco levantada do pavimento, e sobre ella está gravado o seguinte epitafio:

Regia tantillo proles Eduardus humatur  
 Nec juveni voluit parcere Parca, loco  
 Primatem, Dominumque electū Brachara dolet  
 Quem virtus poterat reddere legitimum.

O insigne Poeta Francisco de Saa e Miranda na carta 3 escrita a seu Irmão Mem de Sá diz falando deste Princepe:

Vistes hua claridade  
 Que de cá te la correo  
 Como rayo em tal idade  
 Tanto saber tal bondade  
 Num momento escureceo.  
 Alma Bemaventurada  
 Daquele moço tam nobre  
 Chegaste a alta assomada  
 Tudo te pareceo nada  
 Quanto dalj se descobre.

Delle escreve Manoel Pereyra Leal, 2. t. das Colleções Acad. aonde diz no fim do Catalogo dos Bispos da Guarda — o Senhor D. Duarte (1), filho natural de ElRey D. João III afirma Rodrigo Mendes Silva nas Genologias Reaes de Espanha n.º 39 §. 15 fora Bispo deste Bispado, e depois Arcebispo de Braga, mas entendo se enganou (diz o Leal) porque não consta que aquele Principe obtivesse mais que esta primeira mitra. O Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, Historia de Braga 2. p. c. 77. fl. 330, aonde diz que Frey Pedro de Burbuda era Prior deste Mosteiro quando o ditto Infante veyo para elle, no que se deixa ver ser mal informado; pois a Frey Pedro Burbudo so o achamos Vigario do Padre Frey Diogo de Murça nos annos de 1540, e 41. Tratão tambem delle D. Niculao de Santa Maria na Chronica dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, L. 9. c. 35, fl. 285. Anno Historico do P.º St.ª M.ª 3. p. fl. 320. Faria, Europ. Portug. t. 2. p. 4 c. 2. fl. 604. Corografia Portug. de Carv.º t. 2. pag. 74. P.º Siguensa 3. p. L. 1. c. 30, fl. 155.

## CAP. XI

### Vida de D: Antonio

D. Antonio nasceo em Lisboa (tendo por Pays ao Infante D. Luiz, filho d'Elrey D. Manoel, e a Violante Gomes, a quem a natureza lhe deo tanto de formuzura como a fortuna lhe havia negado de nascimento) no anno de 1531. Os primordios de sua idade os passou neste Mosteiro da Costa, andando seys annos vestido do nosso habito, com o Infante D. Duarte seu Primo, servindo aos Monges á Meza, e ajudando-lhes ás Missas, donde vierão a chamar-se dahí por diante aos que exercitão este ministerio, mossos fidalgos. A sugeição de Religioso lhe não moderou o genio para que não sahisse com ambições de soberano, e afoutezas de soldado. Ditou-lhe Theologia o Padre Frey Jorge de Belē; e no anno de 1548 passou para Coimbra a continuar

---

(1) Á margem:

Recitou o Inf.º D. Duarte neste Real Mostr.º da Costa em dia de N. P.º hua Orac. em louvor da Filosof. q. principia — Platão excellentiss.º pay da Grega Atica eloquencia e de toda a Filosof. Está o original na Livraria da Cartuxa d'Evora, donde se tirou a Copia, q. corre impressa no 3.º t.º das provas da Caza Real de Portugal. pag. 40.

seus estudos em Santa Cruz, aonde teve por condiscipulos a D. Fulgencio, e D. Theotonio, filhos do Duque de Bragança D. Jayme. Recebeo em 5 de Mayo de 1551 com universal applauzo da Academia Conimbricense o grau de Mestre em Artes. Por comprazer com a vontade de seu Pay recebeu ordens sacras da mão de seu tyo o Cardeal D. Henrique, e professou a Ordem Militar de Malta, sendo Prior do Crato. Não quiz porem as Ordens de Presbitero, mostrando nesta repugnancia, que mais por eleição alhea do que propria abraçara o estado Ecclesiastico.

Acompanhou a EIRey D. Sebastião, ficando cativo, sendo esta lamentavel tragedia o principio das suas calamidades. Resgatado sem ser conhecido dos Mouros, foi recebido em Lisboa com universal applauzo dos seus moradores.

Morto o Cardeal Rey no anno de 1580, pretendeo succeder na Coroa de seus Avôs, e achou tam benevola a fidelidade do povo, que o acclamou por seu Monarcha na Villa de Santarem a 24 de Junho de 1580, com iguais demonstrações foi acclamado em Setubal, aonde bateo moeda, até que chegou a Lisboa, e sendo recebido pelo vulgo com venerações de Rey, repartio no Paço muitos officios, jurou observar o privilegio dos Vassallos, e escreveu cartas e circulares a todas as Cidades, e Villas do Reyno para que o reconhecessem por seu soberano.

Com estes designios se armou EIRey Filippe prudente, expedindo hum exercito de vinte mil homens, e no campo de Alcantara junto a Lisboa acommeteo a quatro mil soldados, que tumultuariamente conduzia D. Antonio, para lhe fazer opposição, onde foi totalmente desbaratado, como se podia esperar de numero tam desigual. Acompanhado de algumas pessoas, cuja fidelidade lhe era notoria, se auzentou occultamente do Reyno, e implorando socorro dos Reynos estranhos o conseguiu da Rainha de França Catherina de Medicis mandou aprestar hũa armada de cincoenta Navios com sette mil homens de guarnição. Defronte da Ilha de S. Miguel pelejou a 26 de Julho de 1582 esta armada contra a de Castella, e depois de hum profiado combate que durou cinco horas, sahio vitorioza a Castelhana. Ainda não desenganado voltou a Inglaterra, alcançou da Rainha D. Izabel outro socorro, que se compunha de vinte, e dous mil homens. Na Praça de Peniche lançou doze mil homens, que sem resistencia foi ganhada, e entrando pela Barra de Lisboa a 24 de Junho de 1589 como não achasse os animos prompts para aju-

dar a sua facção, se recolheu a Plemuth, com igual perda de homên, e embarcações.

Aflicto com tantas infelicidades se refugiou a Pariz, onde foj recebido por Henrique IV, não dezistindo de implorar o socorro das mesmas Potencias que infructuozamente tinham fomentado a sua pertença, até que dezenganado das esperanças em que fundava os seus deznios se converteo totalmête a Deos, chorando amargamente os delictos, que cometera contra a abservancia dos seus preceitos, desprezando as glorias caducas, e anelando unicamente as eternas, fazendo-se com estas virtuozas acçõens merecedor de hũa coroa mayor, e mais perduravel, que aquella, que fatalmente lhe negou a fortuna, a qual possuiria em 26 de Agosto de 1595, quando contava 64 annos de idade. O seu corpo depois de embalsemado se sepultou no Convento grande de São Francisco de Pariz, e o seu coração foj depositado no Convento de Santa Clara, chamado de Ave M.<sup>a</sup> a hum lado do Altar Mor, com este largo epitafio, mudo pregoeiro de seus infortunios:

«Hoc augusto in loco conditur augustissimũ cor Serenissimi Regis Portugalliae D. Antonii, hujus nominis primi, qui paterno jure, ac populi electione regno succedens, ab eo per vim expulsus est, quare in densissimis, ac numerosis Sylvis diu latens, tandẽ ab hostibus animam ejus sollicite quaerentibus mirabiliter evasit, et in Galliam, et Angliam ad Juppetias petendas transmeavit, in qua perigrinatione incredibiles supra modum passus est calamitates, in quibus adeo constantem, et invincibilem animum semper exhibuit, ut nec laboribus fatigari, nec periculis deterreri, nec rationibus suaderi, nec opulentis pollicitationibus, nec longa expectationẽ fastidiri, nec denique deficientibus prae senio viribus deficere unquam potuerit, ut juri suo cederet. Sed omnibus spretis libertatem Regni sui, ac suorum cunctis, et bonis ruendis, et malis praeferendis validissime anteposuit, illud quoque non parvum regiae magnanimitatis argumentum est, quod secto post mortem corpore, omnia ejus viscera tabida, ac corrupta inventa sunt praeter cor, quod quia in manu Dei erat, ab in eo incorruptum, et illaesum semper servatum fuit. Obiit Parisiis plenus pietate, et in summa paupertate anno aetatis suae sexagesimo quarto, Dominici vero Incarnationis millesimo, quingentesimo, nonagesimo quinto, die vigesima sexta Augusti. Requiescat in pace.

Escrevem delle Faria, e Souza, no L. 2. p. 1. c. 4. fl. 70 da sua Europa Portugueza. Corografia Portugueza de Carv.º t. 1. pag. 74. P.º Soledade na sua Chronica Serafica. t. 5. Liv. 1. c. 28. n.º 186, e no Liv. 3. c. 8., n.º 605. e o nosso P.º Siguensa na Chronica da Ordem, 3. p. Liv. 1. c. 30. fl. 155.

*(Continua).*